**Saúde Mental e Militância: Os mortos e os alimentos como linguagens de saúde mental no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) no estado do Ceará[[1]](#footnote-1)**

Rafael de Mesquita Ferreira Freitas, Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UnB)

Resumo: Pretendo trazer para este GT algumas hipóteses de uma pesquisa em andamento. Neste trabalho trato da saúde mental de militantes engajados no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Partindo de uma pesquisa realizada junto a militantes deste movimento no estado do Ceará, busco investigar quais são os idiomas para falar de saúde mental e de cuidado dentro deste grupo. Considero a pergunta de pesquisa relevante devido a se tratar de pessoas que vivem sob o constante diálogo com símbolos e práticas de “luta” e “sacrifício”. O que mantém estas pessoas dentro deste movimento social? O que as afasta? De que formas os militantes dotam de sentido suas ações e quais os mecanismos de cuidado tecidos em suas práticas? A partir de uma pesquisa que se iniciou em setembro de 2020 busco debater algumas hipóteses para responder as perguntas apresentadas. Apresento dois eixos de aproximação ao tema. O primeiro é a constituição das figuras e memórias dos militantes que faleceram “na luta”. Intento compreender qual o peso que essas mortes têm sobre os militantes que se mantém engajados, considerando que o potencial para prejudicar ou para fortalecer a integridade física e mental é objeto de intervenções diversas. O segundo eixo de análise é a investigação dos alimentos como forma de falar sobre saúde mental. Muitas das apresentações do movimento dizem respeito a importância da alimentação como uma condição de luta contra a precariedade. Proponho, portanto, verificar a possibilidade de falar dos alimentos como agentes de saúde mental também.

Este artigo é parte inicial de uma pesquisa a ser desenvolvida ao longo do doutorado em Antropologia Social da UnB, sob orientação das professoras Soraya Fleischer e Christine Chaves. Esta investigação busca compreender o processo de engajamento na participação ativa em movimentos sociais, em especial em relação a manutenção dos militantes em processos de luta (com os diversos sentidos que o termo luta assume), pelo prisma das relações permeadas pelo signo do sofrimento psíquico. Em especial, desenvolvo essa tese dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), em uma perspectiva comparativa entre o estado do Ceará e o Distrito Federal, tomando como recorte mais específico militantes presentes nos setores de coordenação e direção do movimento.

Um dos desafios desta pesquisa, e que proponho trazer para este evento, é o de identificar os idiomas culturais por meio dos quais se fala de saúde mental e sofrimento psíquico, assim como começar a entrever as estratégias de cuidado ou sua ausência das mesmas. O que trago são percepções obtidas durante um longo período inicial de aproximação e conhecimento do tema, de sua bibliografia própria e dos interlocutores.

As perguntas desta pesquisa, acerca dos sofrimentos psíquicos dos militantes e de sua manutenção ou não junto ao movimento, ganham importância diante do contexto social na qual estes sujeitos e grupos sociais estão envolvidos. De acordo com levantamento em relatórios da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Conselho Indigenista Missionário (CPT, 2022), as regiões Norte e Nordeste do Brasil concentram a maior parte dos homicídios e enfrentamentos por conflitos fundiários - soma-se a esse contexto o assassinato de uma criança de nove anos, filho de líder rural em Pernambuco, ocorrido ainda este ano (NEXO, 2022). Ainda de acordo com a CPT, o número de assassinatos no campo se multiplicou de 2014 a 2018, sendo 2017 o ano mais violento desde 2003, no que diz respeito aos conflitos no campo e por terras no Brasil (LOERA, 2019, p.39). Nestes conflitos se inserem diversos atores abarcados pela ampla categoria de camponês, como povos indígenas, quilombolas e sem-terra. As lideranças dos movimentos sociais camponeses assassinadas nos conflitos fundiários não raramente tornam-se mártires e/ou encantados (SOUZA, 2019, p.19) e o sofrimento e a violência são mobilizados enquanto memória como forma de fortalecer a luta pelas bandeiras almejadas e também a trajetória do corpo de militantes do movimento.

O MST carrega diversas bandeiras e reivindicações, sendo a mais tradicional delas a da Reforma Agrária, e sua principal forma de luta, mas não a única, são as ocupações. Se as ocupações podem durar diversos meses ou até mesmo anos, a luta pela reforma agrária é um processo de muitas décadas. São membros intensamente envolvidos nas atividades deste movimento social tanto aqueles que estão presentes nestas ocupações, como aqueles já assentados e aqueles em posições de coordenação e direção. Considerando isto, a atuação dos membros militantes do MST se estendem por longos prazos e carregam um horizonte de retornos muito incertos. Soma-se a isto a criminalização das ações do MST e mesmo da própria instituição, que adquiriu nova intensidade desde 2018. Ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso como presidente da república, por exemplo, a descaracterização do MST enquanto movimento social para encaixá-lo na qualidade de um movimento criminoso foi uma tática recorrente (COMPARATO, p.107). Mesmo durante os governos dos presidentes Luís Inácio (Lula) e Dilma Roussef, mais próximos do MST, a pauta ambiental pouco avançou e categoria camponês foi largamente substituída pela de agricultor familiar, perdendo assim o conteúdo político e conflituoso que o termo carrega (WANDERLEY, 2015). Porém, neste período os conflitos frontais e diretos assim como a oposição pública ao movimento foram reduzidas. Já o atual presidente da república defendeu, ainda em 2018, antes de sua eleição, que este movimento fosse enfrentado como um grupo terrorista em território nacional (BETIM, 2018), causando uma ruptura no modo destes movimentos e seus militantes se relacionarem com o governo federal.

Diversos conceitos são centrais para entender a atuação dos militantes dentro do MST, os mais óbvios (e não por isso menos importantes) são talvez Terra e Luta. Porém, para investigar o sofrimento psíquico, elejo aqui a presença dos mortos e dos alimentos nos documentos e cerimônias do movimento como meios de compreender os significados de saúde e de como as relações sociais em torno deste conceito são tecidas. Em diversos documentos do MST, é afirmado que saúde é a “capacidade de lutar contra tudo aquilo que nos oprime”. Esta capacidade de lutar está ligada a uma complexa rede de ações e formações, capilarizada em setores diversos, como educação, produção, gênero e direitos humanos. O conceito de saúde enunciado pelo movimento e seus militantes está ligado a um dos horizontes centrais do campesinato, a autonomia de reprodução do seu modo de vida. Autonomia essa constantemente ameaçada, mas que se mantém como um ideal que orienta práticas. Assim, conceitos como o de Soberania alimentar são evocados também para falar de saúde, física e/ou psíquica, e são conectados a uma ideia de soberania mais ampla.

Os sofrimentos que proponho investigar, a priori, não são estes que possuem caráter disruptivo, como as remoções e os assassinatos, mas sim um sofrimento que possa ser sentido por meio do acúmulo deste peso. Tal conceito poderia ser melhor entendido pela noção de quase-evento. Com este conceito, me refiro a sofrimentos que assumem um caráter ordinário e crônico mais do que algo catastrófico ou sublime. Este sofrimento, porém, tem potencial de romper as relações sociais vigentes (DAS, 2015, p.26), o que tem consequências na forma como os interlocutores se localizam dentro dos movimentos sociais e nas relações sociais que os cercam. No decorrer da militância, o adoecimento e a deterioração da saúde mental constituem processos lentos e não facilmente distinguíveis de outros tantos fatores, alguns já citados, que podem levar a uma ruptura na integração dos sujeitos ao grupo.

Ressalto ainda que emoções são resultantes de processos tanto coletivos como individuais e permeiam as estruturas sociais, as instituições e as relações entre os diversos campos de uma sociedade (GOODWIN, JASPER & POLLETTA, 2001, p.16). Os movimentos sociais, por sua vez, podem ser entendidos como formas de “reescrever a própria história e construir possibilidades de voltar a habitar um mundo devastado pela violência ou por apagamentos e exclusões” (FACCHINI, CARMO & LIMA, 2020, p.3). Para esta pesquisa, portanto, interessa o modo como a trajetória dos ativistas são enquadradas de forma a possibilitar as políticas de existência e resistência, mas, principalmente, como estes enquadramentos dialogam com a saúde e a subjetividade dos interlocutores desta investigação. O MST nesta pesquisa funciona como uma forma de ressignificar subjetividades e trajetórias daqueles que compõem sua militância. Loera mostrou como participar do movimento e “estar na reforma” é também um princípio organizador e ordenador das relações sociais (LOERA, 2015, p.28). Esta ordenação, que a autora operacionalizou por meio do conceito de tempo de acampamento, também localiza os militantes dentro de um contexto de relações com o Estado, com a comunidade em que vivem e entre si (Ibidem). Assim, não é viável nem interessante entender como um exercício de domínios distintos: por um lado, as políticas deste movimento social e, por outro lado, os sentimentos e emoções daqueles que o compõem. O que pretendo é colocar um modo específico de sentir o sofrimento no centro da análise de forma a compreender os processos coletivos e individuais que perpassam as trajetórias e a própria perpetuação do MST no Ceará.

Investigo a seguir, portanto, os significados e enquadramentos dados às noções de Morte e de Alimentos, tendo como objetivo iluminar a relação entre sofrimento psíquico e a manutenção em um movimento social.

**Alimentação**

Junto com a terra, o acesso à alimentação talvez seja a demanda mais recorrente no MST. A noção de alimento utilizada no movimento é em si bastante debatida, sendo, mais recentemente, atrelada à noção de Soberania Alimentar. Tal noção é distinta daquela adotada pela Organização da Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que fala de Segurança e Insegurança Alimentar.

Segurança alimentar significa a garantia de acesso a alimentos básicos para uma alimentação saudável, em qualidade e quantidade (ZANOTTO, 2017, p.51). A insegurança alimentar é classificada entre moderada e grave. A moderada é utilizada para classificar aquelas pessoas que tem dificuldades para acessar a quantidade de comida necessária para satisfazer suas necessidades calóricas. Já a Insegurança Alimentar Grave indica a presença da fome por meio da falta de alimentos passíveis suficientes de serem acessados por alguém ou uma parcela da população. Tais medidas são muito utilizadas para construção de estatísticas importantes por países diversos. Desta forma, podemos saber que, em 2022, a insegurança alimentar grave aumentou em todas as regiões do Brasil, sendo que na região norte do país, mais de um quarto da população convive com a fome e na região nordeste, o número chega a quase um quinto (SOUZA e PRETTO, 2022). Apesar de ser possível afirmar que esse conceito é importante e passível de análise para questões de saúde e dignidade humana (como a investigação feita acerca dos sentimentos de vergonha, tristeza ou constrangimento para conseguir alimentos no Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil), o termo mais apropriado para falar da mobilização de tema feita dentro do MST é Soberania Alimentar.

Soberania e segurança alimentar são duas visões que não têm a mesma direção e o mesmo fim, nem os mesmos protagonistas (ZANOTTO, 2017, p.19). Soberania Alimentar, conceito encabeçado pelo grupo de movimentos camponeses do qual o MST faz parte, a Via Campesina, é utilizado como uma explícita estratégia de enfrentamento às políticas neoliberais. No Fórum Mundial pela Soberania Alimentar, esse conceito foi definido como um “direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e seu direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo”. Uma diferença fundamental, portanto, reside que enquanto Segurança Alimentar analisa principalmente o acesso aos alimentos, a soberania alimentar busca garantir os modos de acesso, mas também produção e circulação dos alimentos. O conceito de soberania está ligado, desta forma, a autonomia camponesa (HEREDIA, 1979).

Mas o que interessa aqui, centralmente, é traduzir essa compreensão de alimentação e soberania alimentar em um idioma para falar de saúde (mais especificamente, saúde dos militantes do MST), caso tal análise se mostrar proveitosa.

O Centro de Formação Capacitação e Pesquisa Frei Humberto, também chamado apenas de Centro Frei Humberto, localizado em Fortaleza/Ceará, concentra grande parte das atividades de gestão do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado do Ceará e se tornou o principal ponto de partida desta pesquisa. Por este Centro circulam militantes de vários municípios do estado e também os alimentos plantados nos assentamentos e acampamentos, alimentos estes que, argumento aqui, constituem uma linguagem importante dentro do MST. Alguns dos militantes que circulam pelo Centro Frei Humberto fazem parte da gestão do movimento, outros estão acampados ou já assentados nos territórios. É um local de passagens breves assim como de moradia, mas também de reuniões e de festividades.

Neste centro é realizada mensalmente a Feira da Reforma Agrária, que junta diversos simpatizantes do movimento que comparecem para comprar produtos que vão de frutas, verduras, carnes e temperos até livros, camisas e artesanatos diversos. Entre setembro de 2020 e março de 2022 participei na organização, distribuição e venda de alimentos nesta ocasião, que ocorre uma vez por mês. À cada Feira da Reforma Agrária (quando realizada de forma presencial) há também dois momentos muito bem demarcados: o debate e o almoço. O primeiro consiste de uma conversa junto a três ou quatro convidados que debatem um tema previamente definido e anunciado, momento este invariavelmente aberto com uma “Mística”. O espaço do debate é sempre caracterizado por bandeiras do movimento, bandeiras do Brasil, cartazes sobre o tema específico do debate e, sempre, uma cesta ou mesa na qual são expostos alimentos produzidos nos assentamentos e acampamentos. O segundo momento, logo após o debate, se trata do almoço. Bastante apreciado e quando formam-se longas filas para comprar as fichas e em seguida se servir com as comidas feitas no próprio centro, com os produtos plantados e criados pelos próprios militantes.

Em minha atuação no campo de pesquisa, contribuindo na organização na feira, também notei que aqueles que trabalhavam na organização deste evento eram presentados ao fim do dia com uma cesta de alimentos, montada de forma específica para cada um. Em vários finais de semana voltei para casa com goma de tapioca, mamão, berinjela, feijão verde, mandioca pré-cozida, linguiças, suco, café, arroz, cajuína e vários outros produtos. Estes alimentos não funcionam como pagamento em um sentido de mercado, mas muito mais próximo de um sentido de dádiva, de algo que cria relações que se estendem ao longo do tempo. Desta forma, em meus relatos noto uma presença considerável dos alimentos nos ambientes do MST, não apenas em sua função nutritiva, mas bastante também em sua função de símbolo.

Em diversas feiras também pude notar a circulação de alimentos para serem doados. Tais alimentos iam para as periferias da cidade e faziam parte da campanha nacional de distribuição de alimentos feita pelo movimento. Nessas ocasiões, o alimento aparenta ser a realização de uma função, de um propósito. Um de meus interlocutores conta que esse modo de atuar do MST representou uma “radicalização da solidariedade”. Plantar e distribuir os alimentos aparece nestes espaços como um sentimento bem recebido na comunidade de militantes.

Como nos lembra Ellen Woortmann, “os hábitos de comer constituem uma linguagem que fala de outras coisas como gênero, família, religião, identidade, etc. A comida, ou melhor, a comensalidade é também um meio de sociabilidade e de traçar distinções sociais” (WOORTMANN, 2006, p.56). Como desdobramento desta suposição então se abre um outro caminho de pesquisa, que é descobrir quais são os idiomas utilizados para falar de saúde mental no MST. Como pista para esta questão, lembro de Duarte (1994, 1986) e Maluf (2014). Ambos identificaram como tanto categorias psiquiátricas como uma determinada concepção de nervos podem ser utilizados para mobilizar discursos sobre saúde mental. E seguindo a pista de Woortman (2006) é cabível pensar a alimentação como um idioma para mobilizar noções de saúde também, haja vista os diversos encontros virtuais que tem ocorrido durante esta pesquisa nos quais os militantes tratam dos produtos de suas plantações como formas de cuidado com a saúde.

As trajetórias dos militantes são renovadas constantemente por objetivos socialmente valorizados. Esses objetivos são construídos dentro do movimento e envolvem a confecção de um sujeito coletivo, que age sobre os sonhos dos militantes. Essa atribuição de forma e conteúdo aos sonhos funciona também como fator de proteção as atividades. Os alimentos que circulam entre os militantes funcionam como uma realização palpável dos objetivos que os fazem estar dentro do Movimento. Desta forma, a troca e doação de alimentos funciona como a criação de uma rede que dota a vida de significado e também de cuidado.

**Luta e morte**

De acordo com relatório da Comissão Pastoral da Terra (CPT), o total de ocorrências por conflitos de terra em 2021 foi o segundo maior desde 2012, atrás apenas de 2020. Por ocorrência o relatório indica os “despejos e expulsões, ameaças de despejos e expulsões, destruição de casas, roças e pertences; pistolagem, grilagem, invasões etc.” (CPT, 2022, p.21). Ainda no ano de 2021, também foram contabilizados 35 assassinatos em conflitos pela terra no Brasil. A violência contra ativistas já havia sido apontada anteriormente pela CPT e pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). Em 2017, o país contabilizou o assassinato de 71 ativistas, se tornando assim o país com maior número de assassinatos de defensores de ativistas assassinados em conflitos por terra, água e conflitos trabalhistas (CIDH, 2021, p.111). A isso se soma a postura belicosa do atual presidente diante dos movimentos sociais de esquerda de forma geral e do MST em particular e a atitude de em 2019 os processos de demarcação de terras para criação de assentamentos que estavam em curso no Brasil foram interrompidos (CAMARGOS e JUNQUEIRA, 2019).

Tal contexto me leva a notar que, além dos alimentos, há outra presença constante nos espaços do MST no Ceará. Essa presença surge nas paredes, nos nomes dos assentamentos e acampamentos, nas camisas, nos documentos e, principalmente, nas místicas. Me refiro à presença dos militantes que morreram, em especial aqueles que morreram no exercício de atividades de sua militância.

Desta forma, uma das vertentes que se abre para esta pesquisa é a de entender o que ocorre durante as trajetórias dos militantes, em termos de sofrimentos psíquicos, ao viver por anos (em vários casos por décadas) em um contexto de enfrentamento, com a possibilidade muito palpável de serem vítimas de assassinato ou de lidarem com o assassinato de companheiros e companheiras.

Nos eventos que ocorrem no Centro Frei Humberto, mencionados anteriormente, a saber, debates e almoço, uma frase escrita na parede do salão principal do Centro (onde acontece o debate e é servido o almoço) tem destaque. Ela diz: “Aos nossos mortos nem um minuto de silêncio, toda uma vida de luta”. Os “nossos mortos” são personagens que estão sendo lembrados de forma constante no MST. São militantes assassinados, presos ou violentados em alguma medida. Seus nomes estão nos nomes dos acampamentos, assentamentos, brigadas e no próprio Centro Frei Humberto. Suas trajetórias também são lembradas nas místicas, com canções, poesias, fotos e vídeos. Mas se a frase presente no centro lembra os mortos, ela também se volta aos vivos, com uma palavra de ordem: toda uma vida de luta. Desta forma, direciono esta pesquisa para a seguinte pergunta: O que significa se manter em luta de forma constante, contínua e com vitórias dispersas e esporádicas? Quais as consequências dessa luta para a saúde dos militantes? Qual o lugar dado à saúde no acolhimento ou não dos que adoecem?

Em pesquisas anteriores (FREITAS, 2017 e 2019) estudei como uma onipresença da produtividade mina o bem-estar de estudantes universitários. A noção de produzir mais, que alguns pesquisadores e pesquisadoras ligam de forma muito convincente com aspectos de um capitalismo tardio ou de manifestações do neoliberalismo (POVINELLI, 2011; ANDRADE, CORTÊS & ALMEIDA, 2021), adentra e domina o que seriam espaços de leveza, lazer ou apenas de um modo de habitar a universidade menos diretamente propositivo. Tais formas de povoar e permanecer na universidade são essenciais para a própria reprodução social desta instituição, visto que cientistas se fazem também e necessariamente por meio de caminhos errados, tentativas falhas, momentos de descanso e por interesses diversos, além de conflitos enraizados na ordenação social, como aqueles de gênero, raça, classe e marcadores de deficiência (LATOUR & WOOLGAR, 1997; KUHN, 1997; MELLO, 2019). Pesquisando junto a um movimento social abertamente anticapitalista, como o MST, é possível que estas questões de produtividade não se encaixem. Mas proponho a hipótese de uma problemática paralela, que se aproxima, mas não se confunde com a que investiguei no contexto acadêmico. Assim como os estudantes com quem fiz pesquisa se encontravam marcados por sentimentos de culpa e de estar em débito e assim como Benedict (1972) descreve um sistema de dívidas impossíveis de serem sanadas para com os antepassados, questiono se um sentimento semelhante não surgiria na experiência de militantes que se sentem impulsionados a carregar o peso dos mortos e se manterem na luta, relegando o descanso a um lugar acessório.

Porém, a hipótese que proponho investigar possui um outro desdobramento possível, sem necessariamente excluir a possibilidade de ausência de acolhimento dentro do movimento junto aos militantes adoecidos ou da consequência de carregar o peso dos mortos. O MST é um movimento social com quase quatro décadas de existência e que desde de sua origem está em embate com uma forma de organizar o acesso à terra no Brasil que os coloca em grande desvantagem a outros grupos sociais envolvidos nestes conflitos. Assim, minha hipótese paralela é que há algo acerca do que significa estar em luta e se manter cuidado que os militantes do MST podem ensinar para quem está de fora. Ações como a mística, citada anteriormente, são plenas de formação de significantes para a luta. Luta é um conceito que teria muito para ser esvaziado de sentido, dado os seus objetivos distantes, incertos e com tantos recuos e avanços (assim como as pesquisas científicas). Porém, nos rituais do movimento essa luta é preenchida de significantes que trazem os objetivos para muito próximo dos militantes. Por mais que a luta seja continuamente rememorada, ela encontra significado na imagem de uma vida de trabalho justo (em oposição à ideia de exploração), com mesa farta (em oposição à fome e à necessidade).´

Gostaria de destacar trechos de um evento que pode ajudar a nesta discussão. Este foi o oitavo encontro da turma de formação do MST no Ceará. Esse é um curso de formação política dos militantes do movimento e ocorreu de forma online, devido às restrições sanitárias decorrentes da pandemia de COVID-19. Cada encontro possui uma temática própria e seus convidados. Neste a temática foi “A mística revolucionária que alimenta o espírito”. Os convidados para falar foram Ceci, professora de uma instituição pública de ensino superior e militante do movimento, e Betto, parceiro do MST no Ceará e um dos coordenadores de um movimento em cuidados de saúde mental[[2]](#footnote-2). Por mais que a descrição detalhada deste encontro pudesse trazer vários pontos importantes para o aprofundamento desse e de outros estudos, destacarei o debate mais diretamente ligado à temática da saúde mental e da presença dos mortos.

Os dois palestrantes aparentaram concordar na importância da memória dos mortos como fator central na trajetória dos militantes e também na construção do militante como um sujeito coletivo. As histórias dos mortos são contadas, dentro do movimento e pela perspectiva de ambos, não como um conto de terror e de medo, mas como uma lição de força e exemplo, de pessoas que morreram em batalha. Porém, houve, neste encontro, uma diferença no teor na percepção de como essas experiências afetam trajetórias individuais e específicas.

Começando com as falas dos palestrantes, o primeiro a se pronunciar foi o Betto, que ao falar sobre a mística buscou inicialmente apresentar a origem do termo na palavra Mistikos - segundo o padre, “ainda não sabemos o que é, mas indicamos algo de como poderia ser” - e aquele que executa a mística como o Mistagogo. A importância no relato da figura do Mistagogo está na conexão que foi feita pelo palestrante entre este e os mártires. Ambos seriam pessoas que lutaram para realizar uma utopia, um mundo que ainda não é mas que se almeja. Assim, “aquele que exerce a mística revolucionária poderia pagar até com a vida, mas essa semente que morre deixa várias sementes”. Vários foram os mártires lembrados pelo padre: Padre Ezequiel Ramin[[3]](#footnote-3), Chico Mendes[[4]](#footnote-4), Irmã Dorothy[[5]](#footnote-5), Óscar Romero[[6]](#footnote-6), Ignacio Ellacuría[[7]](#footnote-7). Todos foram descritos como exemplos e como pessoas que foram assassinadas no exercício da atividade revolucionária e que deixaram sementes, ou seja, que inspiraram outros a seguirem na luta.

Aqui faço um breve parêntese para apenas mencionar uma hipótese em desenvolvimento. É possível formular uma teoria de parentesco com o MST e outros movimentos sociais por meio da criação de mártires. Todos esses que são lembrados e tratados como ancestrais do movimento são aqueles que ganharam seu lugar nesta linhagem por meio de uma vida e também uma morte ligada aos ideais do movimento. Essa hipótese do parentesco com os mártires, porém, não se distancia do tema aqui tratado, dado que um dos pontos da investigação que proponho é justamente reconhecer o peso dos mortos sobre os vivos.

Continuando com a fala de Betto, após lembrar de todos esses mártires, o palestrante entrou na necessidade de tratar da saúde dos militantes devido a uma tendência que estes têm em se esgotar, indo além de seus limites. Para isso, Betto afirmou que seria preciso ver os militantes como seres biopsicosociais , nos quais os aspectos físicos, psicológicos/emocionais e sociais seriam inseparáveis[[8]](#footnote-8). O papel da mística revolucionária seria, neste contexto, o de conectar o individual com o comunitário. De acordo com o convidado, o desafio posto no exercício do movimento social é “não anular o ser humano, o indivíduo”, que se esgota, deixa a luta e fica frágil, sem deixar de alcançar significados coletivos para as ações incentivadas dentro do movimento.

A seguir foi a vez de Ceci fazer sua apresentação acerca da Mística revolucionária para os alunos do curso. Segundo Ceci, o MST deixa dois grandes legados para a prática dos movimentos sociais: a ocupação como uma forma de pressão política e a mística. Esta última vinculada a uma utopia e que tem a função de “impelir o militante a não desistir, resistir e fazer acontecer através da luta uma nova realidade”. “As pessoas que morrem, deixam legados”, segundo Ceci. Esse legado é construído durante as místicas e homenagens feitas aos militantes mortos, com uma forma de ressignificação da memória.

Também relacionando mística com a ideia de mistério, Ceci reafirma a ideia de que essa ação do movimento junto de seus militantes é uma forma de dotar de significado a luta. Assim a mística na concepção do MST é resumida em dois pontos: memória e compromisso. Memória como forma de lembrar de inserir os militantes em uma longa trajetória de lutas e comprometimento como “motor secreto de todo o compromisso”. Ao inserir os militantes em uma linhagem bastante extensa, cresce junto a carga do compromisso, que extrapola o local e se torna um dever para com “o mundo, a classe e consigo mesmo”.

Este ponto é o que acredito que se aproxima daquele elaborado por Benedict (1972). Esta antropóloga fala dos sentidos de uma dívida para com o passado. Tal dívida para com os antepassados nunca é saldada e cresce com o passar dos anos (1972, p.91). Um paralelo interessante é o dos mártires com os heróis japoneses. Segundo Benedict

 Os japoneses, entretanto, têm um apetite insaciável pela história do “ caso flagrante” do herói que finalmente salda dívidas incompatíveis para com o mundo e o seu nome escolhendo a morte como solução. Em muitas culturas, histórias como essas seriam narrativas que ensinassem resignação a um destino cruel. No Japão, porém, é o que precisamente elas não são. São crônicas a respeito de iniciativa e determinação implacável. Os heróis empenham todos os seus esforços a fim de pagarem alguma obrigação que lhes é incumbente e, ao fazê-lo, descuram-se de outra. No final, porém, conciliam-se com o “círculo” menosprezado (BENEDICT, 1972, p.170)

As falas de Betto e Ceci me parecem apresentar compreensões importantes e com nuances diferentes acerca do bem-estar dos militantes e sua relação com o MST. Ambas concordaram na importância da construção do militante como um sujeito coletivo, porém na fala de Betto os sentimentos do indivíduo devem ser cuidados e acolhidos como condição de existência para o sujeito coletivo. Ele usou a parábola de "Ame o outro como a ti mesmo" para dizer que isso também queria dizer que é preciso amar a si mesmo como se ama ao outro, ou seja, se os militantes fazem sua luta visando um bem comum, um bem para os outros, é preciso também ter esse cuidado para consigo mesmos. Por outro lado, Ceci, apesar de fazer algumas ressalvas ao final de sua apresentação, deu ênfase a necessidade de estar disponível para o coletivo, mesmo quando o cansaço ou tristeza são grandes.

**Comentários finais**

O presente artigo tentou esboçar duas ideias iniciais de pesquisa, a saber, entender a presença dos mortos e o valor simbólico e nutritivo de alimentos como meios para se falar também de saúde, sofrimento psíquico e cuidado. Apresento uma série de ideias com o intuito de, ao colocá-las em debate, ser capaz de identificar quais parecem traduzir a noção êmica de saúde de forma frutífera tanto para a antropologia como enquanto um retorno para a própria organização do movimento.

**Referências**

ANDRADE, D. P., CÔRTES, M., & ALMEIDA, S.. **Neoliberalismo autoritário no Brasil**. Caderno CRH, 34. 2021.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo, Perpectiva, 1972.

BETIM, Felipe. As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar. **El País**. Paraná, 31 de dezembro. 2018. Acesso em 29/07/20.

CAMARGOS, Daniel e JUNQUEIRA, Diego. **Governo Bolsonaro suspende reforma agrária por tempo indeterminado.** Repórter Brasil. 2019.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 15, n. 4, p. 105-118. 2001.

DAS, Veena. **Affliction: Health, Disease, Poverty.** Fordham University. 2015.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A outra saúde. mental, psicossocial, físico moral? In ALVES, PC., and MINAYO, MCS., orgs. **Saúde e doença: um olhar antropológico** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da Vida Nervosa (nas classes trabalhadoras urbanas)**. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor/CNPq. 1986.

FACCHINI, Regina; CARMO, Íris Nery do; LIMA, Stephanie P.. **Movimentos feminista, negro e LGBTI no Brasil: Sujeitos, teias e enquadramentos.** Educ. Soc..  v. 41.    2020.

FREITAS, Rafael de Mesquita Ferreira. **Construção de uma abordagem antropológica da ansiedade em estudantes de graduação em Fortaleza.** Monografia. Universidade Federal do Ceará. 2017.

FREITAS, Rafael de Mesquita Ferreira. **Uma multidão de pessoas sós: narrativas de adoecimento e acolhimento na universidade, a partir de grupos terapêuticos**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Associado em Antropologia da UFC / UNILAB. Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira, Ceará.  2019.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETA, Francesca. **Passionate politics : emotions and social movements.** Londres. The University of Chicago Press. 2001.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KUHN, Thomas S**. A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo:Editora Perspectiva S.A, 1997.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Cambridge: Polity Press. 1997.

LOERA, Nashieli Cecilia Rangel. **De movimientos, botellas y consideración: la producción cotidiana de lo común en asentamientos rurales del estado de Sao Paulo-Brasil**. Revista de Estudios Sociales, v. 70, p. 37-48, 2019.

LOERA, Nashieli Cecilia Rangel. **Mecanismos sociais da reforma agrária em São Paulo pelo viés etnográfico**. Lua Nova. Revista de Cultura e Política, v. 95, p. 27-56, 2015.

MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue**. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Orientadora: Miriam Grossi. Florianópolis: UFSC, 2019.

POVINELLI, Elizabeth A. **Economies of Abandonment: Social Belonging and Endurance in Late Liberalism.** Duke University Press. 2011.

SOUZA, Caroline; PRETTO, Nicholas. **Os efeitos da insegurança alimentar na autoestima dos brasileiros**. Nexo Jornal. 2022.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. **A luta se faz caminhando: sacralização de lideranças camponesas e indígenas assassinadas em contextos de conflito de terra no Brasil**. Tese. UNICAMP. Campinas, SP. 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência**. RESR, Vol. 52 (1), p. S025-S044. 2015

ZANOTTO, Rita. **Soberania alimentar como construção contra-hegemônica da Via Campesina experiências no Brasil e na Bolívia.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Programa de pós-graduação em desenvolvimento territorial na América Latina e Caribe. 2017.

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022 [↑](#footnote-ref-1)
2. Os nomes utilizados aqui são pseudônimos [↑](#footnote-ref-2)
3. Missionário colombiano que foi assassinado em Rondônia em meio conflitos em torno do acesso à terra [↑](#footnote-ref-3)
4. Militante da reforma agrária, ambientalista, sindicalista, ativista político e seringueiro. Assassinado no Acre por seus opositores. [↑](#footnote-ref-4)
5. Freira estadunidense naturalizada brasileira que atuou na região na região norte em favor de povos sem terra. Foi assassinada, aos 73 anos de idade, no estado do Pará. [↑](#footnote-ref-5)
6. Sacerdote da igreja católica em El Savador, ligado a Teologia da Libertação, e que foi assassinado enquanto celebrava uma missa. [↑](#footnote-ref-6)
7. Contribuinte para o desenvolvimento da Teologia da Libertação na América Latina. Foi assassinado em El Savador junto com outros jesuítas. [↑](#footnote-ref-7)
8. Tal proposta também foi formulada por Marcel Mauss em seu estudo sobre as técnicas do corpo. Pista esta seguida então por vários estudos antropológicos, desde Bateson (1972) até Fleischer [↑](#footnote-ref-8)